

Nº 99 INTRODUÇÃO À PARÁBOLA DO RICO E LÁZARO

Introdução:

Para entendermos sobre esse assunto tão polêmico no meio cristão que é a parábola sobre um homem rico e um mendigo é necessário que tenhamos respostas a cinco perguntas importantes:

1ª) – Por que Jesus contou essa parábola?

2ª) – A quem se destinou primariamente essa parábola?

3ª) – Quais eram as circunstâncias em que tal parábola se tornava necessária?

4ª) – Qual era o público de Jesus?

5ª) – O que essa parábola nos ensina e qual a parte que ajuda em nossa salvação?

Vamos começar a responder primeiro pela pergunta de número 3

Quais eram as circunstâncias em que tal parábola se tornava necessária? Como estava a igreja de Deus nos dias de Jesus?

Resposta: Salmos 81:13 - A Igreja de Deus, que antes era composta pelo povo judeu estava dividida em seis grupos.



1º) – Fariseus – Atos 26:5 - Era um partido religioso que surgiu por volta da guerra dos macabeus, com a finalidade de oferecer resistência ao espírito helênico (religião grega) trazido por Roma; esse partido possuía em sua ideologia a missão de preservar o judaísmo e suas crenças ortodoxas.

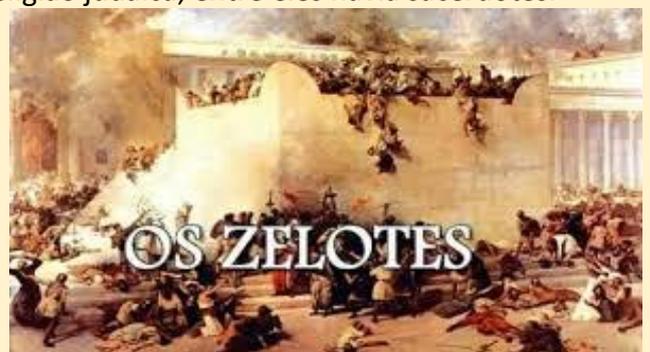
Crença dos fariseus: Os fariseus criam no livre-arbítrio do homem, na imortalidade da alma, na ressurreição do corpo, na existência de anjos, na direção divina de todas as coisas, nas recompensas e castigos na vida futura, na preservação da alma humana após a morte e na existência de espíritos bons e maus. Contudo, Jesus denunciou severamente este grupo por causa de sua hipocrisia e orgulho.



2º) – Essênios – Eram judeus que viviam isolados. Tinham uma vida separada e afastada de todos. Eles pensavam que para se cultivar uma vida de santidade teriam que viver isolados do mundo, em um sistema de ascetismo. Eles se abstinham de todos os prazeres físicos e psicológicos, acreditavam ser o caminho para atingir a perfeição e equilíbrio moral e espiritual.

Eles se isolaram por desejarem abandonar as influências corruptas das cidades judaicas. Eles se dedicaram a preparar o “caminho do Senhor”, crendo que o Messias viria, e consideravam-se o verdadeiro Israel. Por causa dessa diferenciação ritualística, os judeus os proibiram de sacrificar no templo, que os mesmos essênios afirmavam estar contaminado pela impureza da religiosidade social e judaica.

3º) – Zelotes - **Judeus** extremamente zelosos, na religião judaica; entre eles havia sacerdotes.



A ideologia desse grupo incluía, se necessário fosse, deveriam libertar a nação de Israel do jugo Romano até mesmo por armas. Chegaram a promover a primeira Guerra Judaico-Romana (66-70).

O Zelotes eram fervorosos defensores de uma rebelião. Deles deriva outro grupo, a partir do ano 70, os chamados Sicários (homens da adaga), também violentos.



4º) – Herodianos – Era um grupo de judeus que acreditava na cooperação com Herodes, para haver o favorecimento dos judeus, muito embora Herodes considerasse a si mesmo um deus vivo, tentando helenizar Israel, exercendo forte pressão política sobre a nação judaica e buscando corromper os costumes judaicos, ele tinha apoio desse grupo de judeus.

Os herodianos possuíam privilégios e regalias concedidas pelo governo de Herodes. Esse grupo se colocava à disposição do governo romano, trabalhando como espiões que observavam continuamente possíveis situações que poderiam trazer problemas ao governo, como rebeliões políticas, insurreições ou movimentos messiânicos, a exemplo de Jesus e seus discípulos, como declaram os historiadores Saulnier e Rolland.



Muitos dos herodianos eram publicanos; judeus a serviço de Roma que cobravam impostos de seu próprio povo e muitas vezes os extorquindo.

Crença dos Herodianos: Eram um com os saduceus em religião, divergindo apenas em um ou outro ponto político”. Herodianos e Zelotes não se entendiam. os herodianos tentavam sufocar qualquer rebelião e os Zelotes a promoviam. esses dois grupos eram antagonistas.



5º) – Samaritanos - Uma miscigenação de judeus e gentios (assírios e babilônicos). Os samaritanos construíram um templo rival ao de Jerusalém, no monte Gerizim. Os samaritanos mantinham crenças semelhantes à dos saduceus, mas eram considerados pelos demais judeus como a escória da sociedade. Eram frequentemente ridicularizados e desprezados pelos demais judeus, por haver se misturados com outros povos.



6º) – Saduceus - Um partido político-religioso. Era o grupo que fazia oposição aos fariseus. Este grupo era mais sacerdotal e aristocrático e, sendo mais fechado, não fazia questão de popularização.

Origem do nome: I Crônicas 6:3-8, 50-53 - O nome “Saduceus” parece proceder de Zadoque, hierarca da família sacerdotal dos filhos de Zadoque. Se bem que a crença desse grupo diferia das ideias de Zadoque, o sacerdote dos dias de Davi. Zadoque era descendente de Arão através da linhagem sumo sacerdotal de Eleazar. De modo que, dizer saduceus era como dizer "pertencentes ao partido da estirpe sacerdotal dominante". Diferiam dos fariseus por não aceitarem a tradição oral.

Crença dos saduceus: Atos 23:8 - Era um grupo composto por homens educados, ricos e de boa posição social. Tinham crenças opostas à dos fariseus. Os saduceus negavam a ressurreição e juízo futuro, assim como os herodianos e samaritanos.

Os saduceus criam que a alma morria com o corpo, eles negavam a imortalidade, negavam a existência dos anjos e dos espíritos, criam que Deus não intervinha nas vidas dos homens, não tinham as mesmas crenças que os patriarcas.

As doutrinas desse grupo de judeus são quase desconhecidas, não havendo ficado nada de seus escritos. Eram zelosos na aplicação da lei bíblica.

Classe de ricos, envolvidos com a política

A riqueza dos saduceus era grande, mas sua integridade mínima. Era um grupo que jogava dos dois lados, a favor de Roma e as vezes em favor de seu povo, mas sempre em circunstância em que fossem favorecidos. A influência política e religiosa dos saduceus era grande, mas seu caráter era mínimo. Entre os saduceus também havia publicanos, judeus que exploravam seus irmãos e enriqueciam através de taxas abusivas nas cobranças de impostos.

Religião Romana e da Grécia Antiga

Tanto Roma como a Grécia determinavam muito sobre o pensamento religioso da época de Jesus. Lembrando que o povo judeu estava sob o domínio romano desde o ano 168 antes de Cristo. Todos os judeus nos dias de Cristo nasceram sob o poder de Roma.



Lembrando também que Roma o poder dominante sofreu influência cultural e religiosa do reino que dominou o mundo antes deles, a Grécia.

Nota: O povo judeu dos dias de Jesus, possuíam uma visão religiosa embaçada, mesclada com pensamentos gregos e romanos.

Visão religiosa dessas duas nações

Como essas duas nações através de suas crenças compreendiam a respeito do homem após a morte?

Para gregos e romanos, todas as pessoas após a morte estavam destinadas a três lugares diferentes como resultado de seus procedimentos em vida, que eram o Tártaro, Campos Elíseos e Campo de Asfódelos. Mas antes deveriam passar pelo Hades.

Deus Hades – o juiz dos mortos

Hades era o deus responsável por governar o mundo subterrâneo (submundo) e as almas após a morte. Segundo a mitologia, o lugar onde o deus Hades governava recebia o seu nome.



Hades era filho de Cronos e de Réia, irmão de Zeus (deus dos deuses) e de Poseidon (deus dos mares). Hades seria o presidente do tribunal dos mortos. Nesse local as almas passariam por um julgamento, onde seu destino seria decidido.

Julgados no Hades para seus destinos eternos

Conforme as crenças greco-romanas, após os mortos serem julgados no Hades seus destinos seriam um dos três lugares

- 1º) - Tártaro
- 2º) – Campos Asfódelos
- 3º) – Campos Elíseos

Localização do Hades conforme a mitologia

O Hades era descrito como sendo um lugar nos limites exteriores do oceano ou nas profundezas ou extremidades da terra.

Muitos Poetas da Grécia antiga, (Hesíodo, Homero) descreveram Hades em seus poemas como sendo um abismo encravado nas entranhas da terra, inclusive que a entrada para esse local era em uma caverna perto de Cumas ao sul da Itália, quando a Itália pertencia ao domínio Grego.

Hades era compreendido como sendo um reino invisível aos vivos e foi criado exclusivamente para os mortos. De acordo com as crenças grego/romana os mortos subsistiam no Hades em estado de desolação e lamentação, enquanto não fossem julgados.

Para se chegar ao Hades

Segundo a mitologia, antes de chegar ao Hades, os mortos pegam a balsa de **Caronte (o barqueiro)** para atravessar o rio Aqueronte (rio das dores).



Caronte transporta os heróis, as crianças, os ricos e os pobres para o Hades propriamente dito. Caronte cobrava em moedas para fazer a passagem.

Feito isso, **Caronte** guiava o barco até o palácio de Hades, passando por cinco rios principais:

Aqueronte (rio das dores e aflições);

Cócito (rio dos gemidos e lamentações);

Estige (o gelado rio dos horrores, no qual os deuses faziam seus juramentos, assim considerado o rio do ódio);

Flegetonte ou Piriflegetonte (rio das chamas inextinguíveis); e, por fim,

Lete (rio do esquecimento, no qual as almas bebiam de suas águas, para voltarem à Terra).

Esses rios é que marcavam os limites entre os lugares de destinos pós juízo

Esses rios ligavam os vários planos do Hades. O Tártaro, **os Campos Asfódelos (Érobo)** e os Campos Elíseos, eram separados por esses rios. O palácio de Hades era guardado por Cérbero, um grande cão de múltiplas cabeças, que impedia a fuga das almas e evitava intrusos.



Quando chegavam, as almas desembarcavam e se apresentavam ao grande tribunal para serem julgados.

Costumes e procedimentos gregos na ocasião de morte

Era costume grego colocar uma moeda, chamada óbolo, sob a língua do cadáver, para pagar Caronte pela viagem.

Óbolo – moeda grega de pouco valor – colocavam sobre a língua dos cadáveres ou sobre os olhos



Se a alma não pudesse pagar, ficaria forçadamente na margem do Aqueronte para toda a eternidade, e os gregos temiam que pudesse regressar para perturbar os vivos.

Lugares de Sentença

1º) – Tártaro – Após o julgamento os que eram destinados ao tártaro que era um lugar de trevas e tormentos deveriam ser ali punidos, deveriam pagar

pelas más obras praticadas quando em vida. Assim acreditavam os gregos e os romanos. Crença semelhante ao inferno, lugar de sofrimento; a mesma doutrina é ensinada pela igreja católica e pela maioria das igrejas protestantes.

Tártaro lugar de castigo

O Tártaro segundo as antigas crenças grego/romana, também era o local onde o crime encontra seu castigo. Quando um morto caía no Tártaro, de acordo com a crença exposta na mitologia grega ele recebia uma punição específica.

Tártaro – o mundo inferior da mitologia grega



Sísifo - Um bom exemplo, conforme escritos antigos de crenças gregas e romanas é o de Sísifo, ladrão e assassino, condenado a eternamente empurrar uma rocha ladeira acima, apenas para vê-la novamente descer com o próprio peso.

Ixion – Segundo as crenças, também ali se encontrava Íxion, o primeiro homem a derramar o sangue de um parente. Fez com que o seu sogro caísse num fosso cheio de carvões em brasa para assim evitar o pagamento do dote pela esposa. Seu justo castigo foi o de passar toda a eternidade girando uma roda em chamas.

Tântalo - Que desfrutava da confiança dos deuses, conversando e ceando com eles, dividiu a comida e os segredos divinos aos seus amigos. Sua punição pela perfídia consistia em ser mergulhado até o pescoço em água fria, que desaparecia sempre que tentava bebê-la para aplacar a enorme sede, além de ver

frutificando logo acima de sua cabeça deliciosas uvas que, quando tentava colhê-las, seus cachos subiam para fora de seu alcance.

Nota: Essa era a crença de gregos e romanos sobre um lugar de tormento. Uma prisão subterrânea, onde demônios torturam os que para lá fossem.

2º) Campo de Asfódelos ou Éboros – Esse campo é descrito como um lugar monótono, escuro, sem beleza, formado por uma planície repleta de árvores sombrias.



Lugar sombrio



Para estes campos eram enviadas as almas em que suas vidas foram sem expressão, não possuíram nenhuma glória ou mérito significativos, mas também não proporcionaram barbáries nem cometeram atos criminosos.

No Campo de Asfódelos ou Éboros, as almas enviadas para lá, não receberiam castigos e também não receberiam gratificações, seria um lugar de provas, para ver o destino final, ou o “tártaros” (inferno) lugar de sofrimento ou o paraíso Campos Elíseos.

Essas almas estariam apenas fadadas a tristeza de discorrer por tempo indefinido pela planície escura destes campos, incertos de onde seriam o próximo destino. O Campo de Asfódelos também servia como um território neutro, onde as almas esperariam o

juízo final. O lugar é basicamente o limbo, onde sua alma fica presa pela eternidade, vagando sem memórias e sem qualquer direção.

3º) – Campos Elíseos na linguagem grega e romana é o paraíso, que os judeus chamavam de seio de Abraão.



Segundo a crença grega/romana, Hades o deus da mitologia grega administrava o mundo dos mortos desde o Hades, que era o lugar de juízo até aos Campos Elíseos, o paraíso, isso com a ajuda de outros deuses, mas a sua residência era num palácio nos campos Elíseos com sua esposa Perséfone.

Visão do paraíso para os gregos e romanos

Os Campos Elíseos era um lugar de temperatura amena, com uma brisa suave e alegria constante, para ali eram destinadas as almas boas.

O mito dos Campos Elíseos ganhou sustentação provavelmente por volta do século VIII a.C. com a **Odisseia de Homero**.

Campos Elíseos ou Ilha dos Bem-Aventurados, como podemos encontrar em escritos de outros filósofos e intelectuais da Grécia Antiga, é descrito como um lugar alegre, calmo e repleto de prazeres, que primordialmente era reservado para os heróis gregos, a fim de escapar das escuridões do Hades.

Porém mais tarde a ideia de que o lugar era o destino para as almas de pessoas boas foi tomando forma e se enraizou na cultura grega.

Um abismo intransponível

Esse local é descrito como o paraíso grego, um espaço de temperaturas amenas, relevo plano e

de difícil identificação, localizado nos extremos do planeta Terra; e para se chegar a esse lugar era somente através dos deuses, por ser um lugar separado de todos os outros por um abismo intransponível.



Aqui correria o rio Estige; o rio da imortalidade), que aparece em várias lendas e, uma dessas lendas é quando a nereida Tétis tentou tornar Aquiles imortal, mergulhando-o nesse rio.



Porém, ao mergulhá-lo, segurou-o por um dos calcanhares (daí a expressão "calcanhar de Aquiles" significando ponto vulnerável), assim, esta parte ficou vulnerável, podendo levá-lo à morte.

Veja a compreensão da vida eterna no paraíso dos gregos e romanos

Ali brilhava o sol e havia cascatas de vinho, mas independentemente de quanto se bebesse, ninguém ficava embriagado. Segundo algumas versões seus habitantes ficavam ali durante 1000 anos até apagar-se tudo de terreno neles, depois disto esqueciam toda a sua vida (provavelmente bebendo do rio Lete)

e reencarnavam ou realizavam metempsicose, (reencarnar em animais).

Os mortos dos campos elísios, os gregos e romanos acreditavam que eles podiam voltar à Terra, mas com a sua nova vida é tão boa, raramente o faziam, mesmo por pouco tempo. Doutrina da reencarnação. Antigo espiritismo.



Metempsicose

Reencarnação

O termo **metempsicose**, de origem grega, cujo significado aproxima-se do de reencarnação, porém implica no retorno, também, a formas animais, sem nenhuma evidência observacional.

Crença entre os Gregos, Egipcios, Romanos, Indianos

Os judeus se paginizaram com essas crenças

Essas eram as crenças absorvidas pelos judeus nos dias de Jesus. Todos os grupos de Judeus estavam contaminados com a cultura religiosa greco/romana. Por isso Jesus proferiu a parábola do rico e do mendigo e foi direcionada a todos os judeus que se orgulhavam nas defesas de suas ideologias, mas que traziam no coração, orgulho, arrogância e rejeição de seu ministério.

O que Jesus quis ensinar com a parábola do rico e do mendigo para os judeus da época?

Jesus queria que eles aprendessem, que mesmo que suas crenças sobre o futuro eterno que eram baseadas na religião grego e romana, mesmo que tais viessem a ser verdades; eles não poderiam ir para o seio de Abraão ou Campos Elíseos depois da morte, devido a seus procedimentos em vida.

Estudamos as culturas, tradições e crenças Greco/romanas dos dias de Jesus, para podermos entender a parábola sobre o rico e o mendigo, proferida para os judeus apóstatas. Próximo estudo será a parábola.

Próximo:

Estudando a parábola do Rico e Lázaro